

NO VENTO DO TEMPO

1ª edição: 1997 / produção independente
impresso na Gráfica e Editora Caratinga



capa da primeira edição

Outras informações:
www.geocities.com/noventodotempo



Marcos Vinícius Teixeira nasceu em Caratinga, leste de Minas Gerais, em 1980. Mudou-se para Lavras, com a família, em 1987; retornando a Caratinga cinco anos mais tarde. Em agosto de 1997 publicou seu primeiro livro de poesias *No vento do tempo*. Foi um dos fundadores do jornal *Literatura Alternativa* que circulou no leste mineiro nos anos de 1998 a 2000. Foi revisor do jornal *Diário do Aço - Caratinga* (atual jornal *Diário de Caratinga*). Participou das coletâneas de poesias *Letras Contemporâneas*, de Roque Gonzáles-RS, e *Marcas do Tempo II*, de Descalvado-SP. Em 1999, mudou-se para Mariana-MG, indo cursar Letras na Universidade Federal de Ouro Preto. Em 2002 finalizou o curso, bacharelando-se em Estudos Literários e licenciando-se em Língua Portuguesa. Mudou-se para Viçosa-MG e logo em seguida para Belo Horizonte. Em 2005 terminou o Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais, defendendo a dissertação *João Ternura: romance de uma vida*. Em 2006 publicou seu segundo livro, *Os deuses comem pão*, que traz prefácio de Dirlen Valder e orelha escrita por Anselmo Campos. Atualmente leciona Literatura em Belo Horizonte e escreve seu terceiro livro.

Lembranças de um sonho

Dentre nuvens que longe vejo
surgem imagens como verdades
nas ruas, luzes buscam o perdão
levadas por almas e esperanças.

Dulcíssima Maria, em verdade
vês pecadores e suas chamas
flutuas sobre luzes com sedes vitais
e aproximadas dos olhos meus.

Quando em minha frente estás tu
num ato inesperado me percebes
e tua trajetória inevitável é contínua.

Mas quando procuro ver novas verdades
que completariam o cenário dos tempos finais
é que meus olhos são selados e reencontro com minha era.

Infinitos significados

Vida

União de coisas estranhas

E de significados indiferentes

Dando-nos idéia de algum fato

O qual se divide em milhares de hipóteses.

Vida

Na eternidade é uma fase cheia de fases

Enquanto no infinito, se perguntando desnorteado

Um livro de censuras e aprovações

Influenciado por muitos outros livros.

Canções

Tocando por tocar
Sem alguém para amar
A música que um dia eu fiz
Para quem nunca me quis.

Agora toco para os deuses
Esse manifesto indesejado
Num estilo meio Rock'n'roll
O pensamento que nele estou.

E quando dessa harmonia enjoarem
Talvez tudo se tenha completado
Mas se a mim não enxergarem
Pararei de tocar, minha vida, não mais me terá.

Problema

É um problema,
O qual pode vir a ser dois problemas,
Mas enquanto não se torna três problemas,
Não pense que são quatro,
Lembre-se,
É apenas um problema.

Outubro

Sua dança harmoniza sua existência
Cuja música imortalizou
As flores transparecem os sentimentos
Que seu interior cultivou.

Nas ondas que o mar da solidão abriga
Sua alma flutua num caminho
Sem volta nem ida.

Uma necessidade de amar
E a correspondência entre alma e corpo
Seu destino é crer
Na sua própria vontade de morrer.

O palco se viu como jardim
Onde o pó não dança
Mas cultiva a fase oculta
A qual sua alma habita em meio ao silêncio eterno.

Fases

A produção é nova
Mas as idéias são antigas
Uma luz fraca me molha
E a música mostra-me
O que é ilusão nessa existência
Cuja fase vivente depende de interesses mundanos.

Cegos, loucos, mas normais

Estamos todos cegos
Cegos e loucos
Loucos por pensar que somos normais.
E cegos por não enxergar
Que ao mesmo tempo que normais
Somos loucos.

Descompasso

Procurar-te-ei?
Verei como tens inesquecível jeito de ser
Se me tenta ver
Nessa confundível vontade de poder?

Vontade que se funde ao medo
É sempre recorrer
E nunca tornar-se querer.

Não perder-me-ei procurando-te
Pois sei da luz que em mim habita
E mesmo que perdido em vidas poéticas
Da chama elegíaca, lembrar-me-ei
E só assim viverei.

Manifestado desejo, da voz que a mim intriga
Sou livre pássaro a voar sobre imensa plantação inimiga.

Equilíbrio clássico

Tantos livros na estante adormecem
Na ansiedade de ao menos serem folheados
Pois já não agüentam
A camada de pó que se estabelece.

O quadro navega no branco da parede
Ainda necessita ver
Os movimentos silenciosos
E os olhares desconfiados.

O relógio marca a vida
Que o tempo corrói
E dos objetos da biblioteca
Um tiquetaquear infinito.

A música de fundo
Completa o retrato de uma sala
Medieval e eterna.

Nada mais

Lembro-te
Sonhos irreais, reais insônias
A alma manifesta
O que os olhos não vêem.

Guardo-te
No subconsciente
Do esquerdo lado de meu peito
Ali, onde conheço-me de cor.

Esquecer-te-ei...
E a partir desse querer
Beberei na vida circundante
Nada mais, mais nada.

Essencial

Na incrível necessidade de amar
Entrego-me ao acaso
Sonho mãos entrelaçadas
E um olhar fixo.

Quero sentir lábios
Ter a certeza
De não estar sempre sozinho
E seguir o destino imposto.

E quando vierem o frio
E as artimanhas da solidão
Terei ao menos a vontade
De nunca acordar.

Musa do amor

Eu queria estar contigo agora
Olhar nos teus olhos e poder dizer
Que você é a medida das coisas todas
E eu sou escravo do seu bel prazer.

Eu queria te ver sorrir
E com meu bem querer te apreciar
Ouvir sua doce voz
E me ver na sua mão pegar.

Eu queria poder te beijar
Mostrar que você é a musa do amor
Promover um encontro existencial
E junto com você curar minha dor.



Enigmático

Ó destino, que antes fora cruel
Mas agora me deixa embaraçado
Ainda não o compreendo
Mas mesmo assim muito obrigado.

Desconhecida

Não sei quem é você
Mas quero lhe ver
O acaso é o argumento do destino
E na essência do acaso
Sinto sua visão me invadir.

Olhos claros, cabelos lo...
A beleza me assusta
Mas o susto me motiva
Tenho medo do que conheço
Mas em você eu me esqueço.

Vou deixar as coisas acontecerem
Que a certeza não mate
A incerteza que estimula
No presente que abriga
Mas tudo bem, é o ocaso
E nós a nos vermos.

Remasterização

... Uma chávena de café
sibaritas?
mas, quem fomos nós?
pós-modernistas?
românticos esquecidos...
ou esquecidos de ser românticos?

O que a mídia fez?
(o que a mídia não fez)
alguém gritou na sociedade
o alguém exemplar?
Não! O louco em seu auge
loucura e fama?
Criatividade exemplar.

- Música instrumental -
e chega de barulho erótico
após o protesto
o louco
foi tomar uma chávena de café
e sem querer escreveu
aquilo que outro louco foi ler.

Gnomos ausentes

Entre quatro paredes
o incenso queima
gnomos ausentes
desejos presentes.

Lá fora chove
ciclos pluviais
janelas fechadas
coisas banais.

Tormentos normais
angústia de sempre
lembranças demais.

De repente, novo retrato
nenhum martírio
quarto vazio.

Taciturno

Mãos pálidas, enfermas, frágeis
Movimentando-se delicadamente
Envoltas por largas mangas
Presentes em seu traje negro.

Com um andar calmo e silencioso
Em passos de um coração machucado
Uma alma ferida a se perguntar
Quem diabos seria?

Suas faculdades mentais
Perdidas em algazarra
Através daqueles olhos negros em olheiras
Percebia um descompasso existencial.

Queria ver o infinito
E os astros esquecidos no céu
Mas não pôde ver!
As lágrimas ofuscaram sua visão.

No vento do tempo

Eu sou um alguém
que viu no nada
um outro alguém
caminhei ao lado do nada
até que o vento do tempo
misturou nada ao nada.

Não tinha mais nada
a dizer ao nada
saí do espelho e caí no piso
subindo pelos pisos
eu era um alguém
que (des)acreditava no nada.

Agora me misturei a muitos alguéns
que como fãs de ninguéns
não querem pensar em nada.

Suicidas

Índios contraem aids
Acabaram-se os nativos
Drogas na droga da vida
Aviões em explosões aéreas.

São corpos irreconhecíveis
Desumanos humanos ateus
Vejam o sangue brotando nas matas
Aliás, não tentem ver...

Está tudo em chamas
Somos todos suicidas
Matando nossos próprios filhos
O planeta é conflito.

Vulcões, tornados, enchentes...
Demasiadas catástrofes
Uivos e mortes
Sem terras e sem casas.

Mísseis cruzando os ares
A humanidade ainda tem os deuses
Mas não quer a redenção
A humanidade aguarda a morte.

...São gemidos em noite escura
Poetas que desejam morrer
Viver é um erro inadmissível
Uma lágrima cai (ninguém viu)
Era a lágrima de um deus.

Dádiva

Tudo já era, tudo se foi
Ao meu ver, o pôr-do-sol...
Está atrasado, já aconteceu
E as frases aqui é passado.

Admiramos o passado
Como presente, presente fusão
Do passado com o futuro
(presente ilusão do presente).

Felicidade está em crermos
No presente, presente.
O terror está em saber
Que o presente tornou-se passado
Da presente fusão.

As estrelas que vi brilhar

As estrelas não brilham como antes
mas eu as vi brilhar
agora elas gritam no escuro
e choram sua hipocrisia cadente.

Querem um lugar no espaço
ainda romântico e fiel
despreocupado com o defeito virtuoso
nesse espelhar de fontes luminosas.

Mas gritam no escuro
e choram sua hipocrisia cadente
a chuva volta a cair
as estrelas a reesconder.

Porém! Reaparece-las-ão
a romanticidade, aqui, reflete seu brilho
e as estrelas que vi brilhar
eu sei, elas continuam por lá.

Bosques inimigos

Vamos viver sonhos
E nos constituir de fantasias
Libertar pensamentos
Na transparência de nossa vida poética.

Tornarmos música, arranjos e romances
E com nossa harmonia existencial
Coroar nosso mundo com flores
Colhidas em bosques inimigos.

Falando de problemas

É problema.

Por ser problema, necessita de solução.

Quando procurar soluções não se torna problema,

Vemos que ambos se complementam.

E quando soluções são problemas?

O problema se confunde com a solução,

Por serem a mesma coisa.

E qual o problema?

Seja talvez o de não haver problemas.

Caminho alternativo

Manifestada a luz que em mim habita
Do alucinado babel, um caminho alternativo
Do livro empoeirado, a esperança
Num verso aceito e vivido.

Do quadro retirado, o mistério da parede solitária
A música naturaliza o ambiente
Que minhas mãos reescreveram
Na versão de meu superior condicional.

Inimaginável

Incompreensivelmente estranho
E almejando vidas inimagináveis
Observo-me atento
Como atento se tem
Um único e qualquer alguém
Que admira sua entrada
Numa desconhecida fase vital.

Seu desejo é ver os céus
E o espelho dos mares calmos
Sem afundar ou cair
No entanto
Incompreensivelmente estranho
No instante se tem
Almejando vidas inimagináveis.



Transformação

Tristeza
gosto de lágrima
é como o mar
escuro, em mim.

Esqueci
o quanto me lembro
de ver em mim
- solidão -

Volto-me
a mim mesmo
e sinto o tumulto
do mar.

Ah... o cúmulo do saber
é o medo de esquecer
o que se aprendeu
a ignorar.

Lembrar
é querer conhecer
é viver, armazenar
saber.

Então lembro
ignoro a tristeza
saio de mim
e tudo acalma-se.

Arranjo

Tudo se foi
nada fica
preocupo-me
com o eterno.

Resta abaixo caos
acima dele
o que te resta?
- glória -

Então voe
veja-me
em tudo
- adeus -

Acidental

São gotas sentimentais
Que me acometem como destino inevitável
E se colidem numa base insólida
Que agora desfruta
Do âmago de minha solidão.

Eu

Em mim
o erro e a esperança.
O ser mutante.

O obscuro
olhos de sombra
suspiros.

O infinito
grito de estrelas.
A vaguidão.

De dentro da pupila
alheio
o erro.

De costas
a curva da estrada
poeira.

Atos falhos

Do escritório
percebo os carros
que insistem ziguezaguear
neste incansável modo de agir.

A noite vem
o silêncio e as trevas
tentam a harmonia nessa fase escura
cujo retrato parece enfermo.

Lembro-me
que enquanto os loucos
desarmonizam noites vivendo poesias
um poeta se encontrava na madrugada.

E com seus atos falhos
produzia alguma coisa
que talvez os loucos vivam
pois só eles sabem ser normais.

História revisada

Ah! Tudo passa
E eu vou ficar aqui?
Em meu templo que histórias contemplo
Histórias confusas que sempre voltam.

Tudo está confuso
Aliás sempre estive
Perfeição soa a imperfeição
Por quê?

Por que insiste em me mostrar
Tudo o que vivi e tudo que perdi?
Será que ainda não o aprendi?
História revisada.

Assim, numa nova versão...
Não quero uma versão nova
Quero muito mais que decisão
Quero ação em mim.

Coisas banais

Então não acredito
Em mais nada, e me mato
De tanto morrer.

Triste me condeno
Machucado me interrogo
A salvo me esqueço.

Linda

Seus olhos toscos
Seu jeito corcunda
Você tudo esgota
Seca a fonte
Dentro do homem.
Insignificância.

Sonhos

O que tentam trazer?
O de onde vim?
Meu fim?

Sonhos exteriorizados
Um riso irônico
Sonhos de sombra
Trazem-nos a dor
E o silêncio.

Sentidos opostos

Procuro-te
Em pensamentos cultivados
Reflexos de uma hipócrita transparência.

Acredite-me,
O não te ver
Ainda é querer-te
Apenas não é encontrar-te.

Tormentos

O poeta não morreu
Apenas não quer viver os momentos
Que não deseja criar.

Ele se fundiu ao medo
Procurou esconder onde se perdeu
E agora escuta a melodia do encontrar-se

Um momento de silêncio ele almejou
Mas alguma coisa lhe atormenta
O universo de uma estória inacabada.

Melodia psíquica

Das leis do otimismo
A alma a dançar
No momento silencioso
A felicidade presente.

Embora o corpo não corresponda
A harmonia que se impõe
Conforta, por ser grande demais.

O pessimismo adormece
No lado oculto da alma.

Patamar silencioso

Ah vida, mar sem restrições
Nesse escorregar de tempos irrealis.

Sigo equilibrando-me
Num caminho cuja solidão
(inimigo maior)
É um val. Obstáculo.

Esperando crer neste objetivo
De um dia tornar-me único
Mas que no instante persiste incompleto
Nesse patamar silencioso.

Fundamentos

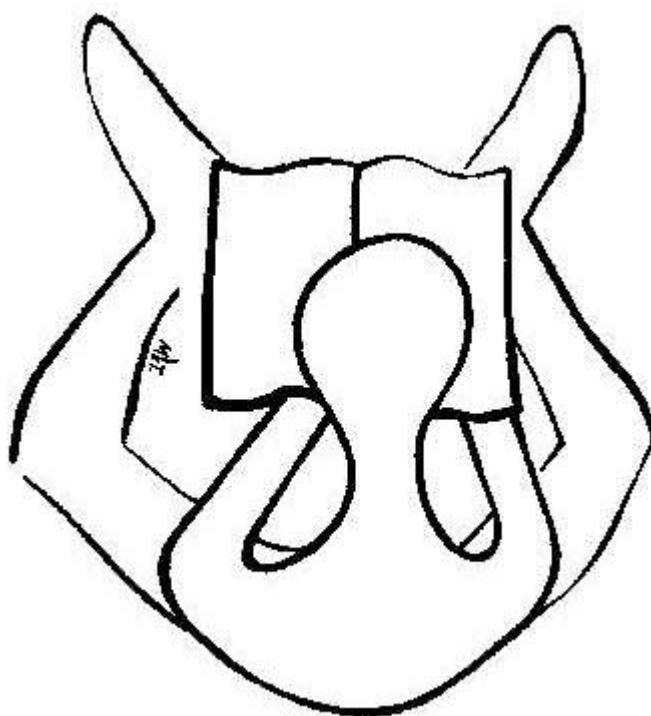
A poesia é incondicional
O tempo, um abismo
E a vida segrega-me
Nesse mistério eterno.

Mas se o tempo não interferir
Talvez minha elegia adormeça
E nunca volte a frustrar
O brilho de minha melodia.

Literatura oculta

Fora o livro queimado
e na sua existência
nem o pó o acompanhara.
Das cinzas que ficar tentaram
nem o vento as perdoou
nesse soprar de fases vitais.

Mas pelo olhar
que pelos mistérios das frases
ali documentadas, cruzou
uma atormentada alma se reencontrou
e de todo erro por ela cultivado
ninguém sabe ao certo
dizem tudo estar queimado.



Poesia e arte

Sou o poeta do medo
E o medo do poeta
Aquilo que desmoronou
E aquele que ficou por debaixo dos escombros.

A razão dos sentimentos
E os sentimentos da razão.

Aquele que transformou uma relação
Em amor platônico e agora sonha
Com poesia e arte.

Semente

Despregar e cair
Voar em ventos aleatórios
Sem sentido ou destino
E no acaso chegar...
Não! Apenas seguir
Voar.

Momento crucial

Não! Não olhes pra mim
Pois nem meus olhos
São capazes de transmitir
Meus sentimentos!

Ninguém sabe agora
O que penso e sonho
E é incerto dizer qualquer coisa minha
Neste momento.

Não sei ao certo por que disto
Só sei que não me compreendo
A ponto de me descrever
Entre palavras e inspirações
Aquilo que seria de fato
Virtudes ou defeitos.

Crise Existencial

Minha vida parece ter perdido
Seus principais fundamentos
Vai ver eles ficaram equívocos
Incompatíveis comigo mesmo.

A luz não está mais em mim
E com ela, tudo se foi
Do que era motivação
Um sentimento taciturno.

À MôCéciBia

De longe escrevo-lhes
Mas o coração ignora
As distâncias impostas.

A vida é um segredo esquecido
Como mistério reconhecido
Por pessoas insatisfeitas.

Que o destino não fira
A carta escrita, enviada e correspondida
Sempre reconhecida.

Querer

Quero ver a magia dos objetos
E conhecer a felicidade altruísta
Ter controles emocionais
E o domínio das faculdades mentais.

Manter o equilíbrio
Nas transições sentimentais
Esquecer meu lado tosco
Até que alguém me mostre
Tudo o que sei (o que errei).

Então do segredo raro do querer
Lembrarei, assim me verei
Eterno aprendiz
E será a riqueza
Maior que as razões do querer.

Deslize

Nos quatro cantos de seus olhos
Me escondo inseguro
Esperando um dia ser encontrado
Não numa lágrima fatal
Mas num brilho de seu olhar.

Vida vampira

Uns feitos pros outros?
Eu fui feito pras noites
Seguirei anos a fio
Nessa vida vampira que tenho.

Da brisa noturna
Alguém que a desarmonize
Nesse sentimento deslocado
Imposto por seres superiores.

Nessa crise uveítica
80% toxoplasmosial
A qual com a luz parece elegíaca
E nas trevas um pouco esquecida.

Espero o meu último respirar
Nesse escorregar de dias e noites
Até que a lágrima afogue
A imagem deformada de meu viver.

Desencontro visual

Das paredes do meu quarto
Um encontro com o silêncio
Num sonho realizado
O enigma de um olhar evitado.

No teu pisar leve e inseguro
A lágrima de uma flor amassada
E dos pensamentos que provocastes
A esperança pouco confiada.

Sei, retornarás a desaparecer
Ignorar eternamente um erro
Procurarás outros olhares
E quanto ao meu, sei que evitarás.

Se

Mesmo que de tanto chorar
Lhe faltem lágrimas a derramar
E quando até na esperança
Passar a desacreditar.

Se contudo, dele ainda puder lembrar
Entregue-se totalmente
Para que sua vida ele possa guiar.

E então você se verá
Que humildemente
O está a amar.

Entre espelhos, a esperança na transparência

Está tudo tão quieto demais
Minha confusão parece perdição
E a fadiga mental que me acomete
Deixa-me confuso.

É estranho o que vejo
Pois o que vejo não parece estar ali
Eu sei, eu não tinha este rosto
E estas mãos não eram tidas por mim.

Como ser transparência
Quando tudo parece refletir imagens?
Como sentir? Se o destino e o tempo
Nunca parecem contribuir?

Como viver?
Se não sinto, não creio
Se não creio, não sonho
Se não sonho, não existo.

Mas realmente
Se ainda continuo vivo e confuso
Aguardo, porém atento
Pois sei que erreí.

Mis palavras

Em mis palavras me transformastes
E me vi nas frases que escondi
São tantos os textos incondicionais...
Finais conduzidos em histórias inacabadas.

Qual loucura de ter cura
Oh! sentido vago de razão qualquer?
Uma canção de encontros casuais
E o caso de um acaso forçado.

Babel

Já me cansei dessa fadiga mental
Desse alucinado babel
Cansei de perdição
Indecisão de sua busca.

Mas não!
Inevitável ocasiões
Hipócritas ilusões.

A harmonia
A palavra
O aguardar
O que me aguarda.

Revelação diária

Confessa que eu sei
Desses dias que te fazem bem
E deixam em teu íntimo
Uma certeza de que os grandes mistérios
São simples segredos
Ainda não revelados.

Sentes o paraíso
Acometendo-te a alma
Assim tudo que admiras
Parece ter visto uma revelação
Angelical.

E, insistes guardar em segredo
O que para todos
Seria um mistério...
Apenas mais um mistério.

No brilho de seu olhar

Quando senti o inexplicável
E me vi no brilho de seu olhar
Tudo se tornou mais claro, simples e belo
Já que até o tempo nos paz deu.

Só não percebi
Como nunca entenderei
O porquê de tudo
Ter sido tão rápido.

Aliança

Eis minha vontade
O que me domina
Me sonha ser?

A esperança destruída
O eu-egocêntrico
No ambicioso sonho
Do tornar-se real.

No compasso modificado
Do silêncio presente
Todo o estilo sonhado.

Nada mais a querer
Sonho do não ter.

Despedidas monumentais

Onde está?
o trilho
que trouxe e levou
o trem que deu adeus
na estação.

A estação
tornou-se livros
incompletos
visa a história
de uma história esquecida.

O trem levou consigo
o filme de uma história
sem as catedrais no jardim
e outros tantos monumentos
que o cinema não pode mais mostrar.



Deturpativo

Do rabisco que preenche a folha
A incerteza de um pensamento
Concluído como erro.

Lembro os acontecimentos
E vejo o que se foi
Nada é fixo.

A vida só é contínua
Devido à existência ser eterna

A esperança só insiste
Pela necessidade de viver.

Sei que não posso apagar os erros
Porém, rabiscá-los-ei com o tempo.

Sombras

Atravesso a noite, tão só
Perdido em pensamentos
E fundamentos que frustram
A fase que nela estou.

Medido e sonho
Caminhando como um poeta traído
Como um alguém que sabe do vazio
Que se estabeleceu e que nunca o esqueceu.

Meu intelecto flutua numa existência deslocada
Incompleta, enferma
Com sede de nunca ter o ninguém
Que suga a luz minha e deixa os uivos
Sem sombras dentro de mim.

Carrasco

Essa luz faz as coisas
Parecerem tristes
E esse fato consumado
Nunca mais me será perdoado.

O vento que agora toca-me
Faz sentir um gelar nos olhos.

E antes que uma lágrima
Tenha-me, escondendo-me
E nessa atitude de aceitação
Entendo o que me fora destinado.

Mundano

Vejo o que o mundo
Quer me ensinar
Aliás, quero aprender a não esperar.

Mas essas coisas mundanas
Machucam e deixam-me confuso
Não me permitem viver e realmente
Não quero aprender.

Angular

Perspectiva perpendicular
O teu afastamento
Nesse ângulo que me impõe
Um deslocamento infinito.

Vejo que o cruzamento
Entre nossos caminhos
Situa-se no passado
Onde nada mais existe.

Quem sabe as parábolas
Coloquem-me numa função
Oposta ao destino que me corrói.

Talvez assim te verei algum dia
Com os olhos de hoje e um coração antigo
Do antigo ontem que foi o zero de hoje
Nesse ângulo e gráfico em redor.

Noites

A distância que nos separa
É a barreira que a saudade nos impõe
E o que senti ao teu lado
Foram lembranças que consegui guardar.

Sinto falta das noites
Que por instantes ao teu lado
Vivi momentos de luz e glória
Do que só o amor nos propõe.

Espero um dia acreditar
Que este mundo é pequeno o bastante
Para o reencontrar de nossas vidas.

E que assim o nosso momento renasça
E como reflexo da luz verdadeira
Volte a iluminar as noites das quais sinto falta.

Reflexões

Quero ficar só
E me julgar com pensamentos
Lembrar de meus erros e vacilos
Que com isso eu possa ver a verdade
Para enfrentar muito do que na vida me aguarda
Sei que vou continuar a errar
Pois a imperfeição me tem
Por isso hoje, tento me julgar.

Prelúdio

Pelas costas ela me viu
E sem querer sorriu
A expressão que não pude ver
Terminou com lágrimas.

A esperança nos meus passos
Fez-me tropeçar
E ao chão chegar.

A cena dramática
Acabou em risos
Que não sei por que
Escrevi. Inventei.

Utopia

Sou o ponto-de-reticência
Aquele que omite palavras
E deixa frases incompletas.

Sou os pontos-de-fuga de mim mesmo
Por isso vivo indeciso e dividido
Com medo de errar e sem coragem de tentar.

Sou a utopia dos romances
Aquilo que nunca acontece
E nunca se torna literatura.

A ilusão é perdição
A perdição, indecisão
O erro às vezes é fatal.

Continuação inevitável

Em templo
onde cultivo eternas lembranças
perdidas de uma vida anterior
um sonho ressurgue em verdade.

Ao ver inesperado abraço
sinto da imagem, existente verdade
pois antes ergueras aos céus, não só as mãos
como também seu modo vital.

A felicidade manca no teu dia mais fiel
a salvação agora está por tuas mãos
e logo em teu coração habitará.

É chegada a hora de seguir esta sina fatal
em meio à multidão percebo olhares
visando algo em minha lateral.